

IMAGENS DA ESCRAVIDÃO NO LIVRO DIDÁTICO

Warley da Costa

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro- UNIRIO

Programa de Pós-graduação: Mestrado em Educação

Orientadora: Prof.^a Nilda Marinho Bonato

O presente trabalho, elaborado para efeito de apresentação, se constitui num recorte da pesquisa em andamento no curso de Mestrado em Educação, que pretende investigar de que forma as imagens da escravidão reproduzidas em livros didáticos utilizados na sexta série do Ensino Fundamental da Prefeitura do Rio de Janeiro interferem na construção das representações mais comuns das identidades culturais, considerando o universo escolar. Estaremos abordando a importância do uso do livro didático como recurso pedagógico por professores e alunos que se torna muitas vezes uma referência para esses grupos. Analisaremos também a abordagem da escravidão dos livros de História adotados para este segmento na década de 1990, sua relação texto-imagem, imagem-texto, e sua influência na constituição de representações sociais dos nossos alunos sobre o papel do negro no Brasil.

1. O livro didático: recurso comum na sala de aula

O livro didático constitui-se em um recurso amplamente utilizado pelo professor de história e tornou-se comum no ensino fundamental nas escolas públicas, principalmente, a partir da obrigatoriedade da distribuição gratuita pelo Governo Federal, através do PNLD¹. A medida em que, é amplamente difundido, ele desempenha um papel significativo na formação ideológica e cultural no cotidiano escolar, seus textos e imagens passam a ser um forte referencial para quem o lê. Por representar um importante

¹ O Programa Nacional do Livro Didático entrou em vigor em 1994.

instrumento de trabalho em sala de aula, constata-se que, muitas vezes, professores e alunos o têm como única fonte de informação. O livro didático é um instrumento de sistematização dos conteúdos da proposta curricular oficial.

O livro didático tem sido, desde o século XIX, o principal instrumento de trabalho de professores e alunos, sendo utilizado nas mais variadas salas de aula e condições pedagógicas, servindo como mediador entre a proposta oficial do poder e expressa nos próprios currículos e o conhecimento escolar ensinado pelo professor.²

O livro didático funciona também como mediador entre o saber acadêmico e o conhecimento escolar. Neste caso, os autores tentam, veicular informações numa linguagem mais acessível ao leitor, aproximando-se mais de sua realidade. Muitas vezes, o resultado é a simplificação exagerada descaracterizando determinados conceitos, ou mascarando outros. Segundo Hebe de Castro,

A simplificação de algumas formulações historiográficas complexas nos livros didáticos, por exemplo, muitas vezes as transforma em estereótipos esvaziados de significação acadêmica ou pedagógica, como aconteceu, por exemplo, na década de 1980, com o conhecido conceito de modo de produção.³

Desta forma, ele pode estar contribuindo, para que no processo cognitivo de apreensão do conhecimento, determinados valores sejam reforçados de forma estereotipada, influenciando negativamente na formação identitária de alunos e professores.

² BITTENCOURT, Circe. "Livros didáticos entre textos e imagens" In: BITTENCOURT, Circe (Org.). *O Saber Histórico na sala de aula*, São Paulo, Contexto, 1997.

³ CASTRO, Hebe Maria Matos de, *O ensino de História e a luta contra a discriminação racial no Brasil* in *Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia*, ABREU, Martha e SOIHET Rachel (org), Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

2. A escravidão africana nos livros didáticos de História:

Em relação ao tema escravidão verificamos que é abordado nos livros de sexta série seguindo as bases curriculares oficiais das redes de ensino. Na proposta Multieducação da Prefeitura do Rio de Janeiro,⁴ ele está inserido nos princípios educativos trabalho e cultura no Brasil colonial.

Nos livros didáticos, a abordagem da escravidão africana reflete formulações historiográficas que relegam aos africanos o papel de “peça” do sistema colonial. Nesta visão, o tráfico negreiro é um componente necessário para garantir o “monopólio comercial” da metrópole sobre a colônia. O comércio de negros está relacionado à expansão do tráfico e, naturalmente, ao enriquecimento dos comerciantes europeus. A perspectiva eurocêntrica, presente nas pesquisas acadêmicas permeia os currículos escolares revelando o desconhecimento da história africana e de suas conexões com o mundo europeu dos séculos XV e XVI.

Essa formulação clássica da nossa historiografia produz como efeito uma relativa naturalização da escravidão negra como simples função da cobiça comercial européia, ecamoteando a face africana do tráfico, essencial para o entendimento de sua dinâmica e durabilidade.⁵

Essas análises inserem a escravidão num contexto mais abrangente, apresentando o escravo como uma simples peça da engrenagem: o escravo passivo e massacrado pelo sistema, reduzindo assim a escravidão a um insignificante aspecto do sistema colonial a serviço do capitalismo internacional, produzindo conceituações teóricas generalizantes. Nesta visão, aparece a imagem do escravo como *objeto* ou *mercadoria*, o

⁴ O Núcleo Curricular Básico Multieducação foi produzido, na década de 1990, pela equipe do Departamento Geral de Educação da Secretaria Municipal de Educação do Rio de Janeiro e professores de diferentes áreas de Ensino.

⁵ CASTRO, Hebe Maria Matos de, *O ensino de História e a luta contra a discriminação racial no Brasil* in Ensino de História: conceitos, temáticas e metodologia, ABREU, Martha e SOIHET Rachel (org), Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2003.

escravo tratado como simples *peça* imóvel e passiva. Títulos de capítulos tais como “Escravo do nascimento à morte”⁶ ou “Escravidão: sofrimento que produz riqueza”⁷ são comuns nos livros de história analisados. O negro africano aparece então vinculado ao latifúndio e à monocultura, estabelecendo uma relação direta com o mercado externo. A sociedade escravista se apresenta polarizada apenas entre senhores e escravos, desconsiderando a complexidade da vida na Colônia, assim como as relações sociais estabelecidas ao longo do tempo.

Essas abordagens refletem estudos realizados na década de 1980 que, desde Caio Prado Júnior em seu “sentido da colonização”⁸, passam por Fernando Novaes em “O Brasil nos quadros do Antigo sistema colonial”⁹ incorporando a Escola Sociológica Paulista com Fernando Henrique Cardoso¹⁰.

É inquestionável a importância desses estudos na década de 1970 pois, procuravam denunciar o escravismo e desmistificar a “democracia racial” disseminada décadas anteriores por Gilberto Freire¹¹. Neste sentido, e neste contexto, elas são procedentes. Entretanto, ao reduzir o escravo a um ser desprovido de raciocínio: “...o escravo era uma ‘coisa’, sujeita ao poder e à propriedade de outrem, e, como tal, ‘havido por morto’, privado de todos os direitos e sem representação alguma, (...)”¹² acaba por reproduzir o discurso da classe dominante, que se valia de tais argumentos para justificar os maus tratos.

São recorrentes nos livros de história textos que descrevem linhas e mais linhas de torturas e sofrimento:

⁶ FERREIRA, José Roberto Martins. *História. Vol. 2*. São Paulo: FTD, 1991

⁷ MARQUES, Adhemar Martins; BERUTTI, Flávio Costa & FÁRIA, Ricardo de Moura. *Os Caminhos do Homem*, Volume 2. Belo Horizonte: Editora Lê, 1991.

⁸ PRADO Jr., Caio. *Formação do Brasil Contemporâneo*. São Paulo: Brasiliense, 1973

⁹ NOVAES, Fernando A. *Portugal e Brasil na Crise do antigo Sistema Colonial, 1770-1808*. São Paulo, Hucitec, 1983

¹⁰ CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

¹¹ FREIRE, Gilberto. *Casa Grande e Senzala*. Rio de Janeiro, Ed. Record: 1997.

¹² CARDOSO, Fernando Henrique. *Capitalismo e Escravidão no Brasil Meridional*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977

Por uma falta leve, o escravo era castigado com dezenas de chicotadas. Agora, se o escravo cometesse alguma falta mais grave, como agressão, roubo ou tentativa de fuga, os castigos eram terríveis. Geralmente, escravos fujões eram marcados com a letra F no rosto. Usava-se para isso ferro em brasa. Cortavam-lhes as orelhas, ou os seios, se fossem mulheres.

O proprietário podia até tirar a vida do escravo. *Ninguém*¹³ protestava. Apesar de ele custar muito, temia-se que a rebeldia se alastrasse entre a escravaria.¹⁴

Decerto, não se pode mascarar a realidade, nem muito menos afirmar que não houve sofrimento no cativeiro. A própria condição de escravo, já retira do homem o que se pode ter de melhor: a dignidade. Ignorar porém alguns aspectos da cultura, das relações sociais e afetivas que se estabeleciam na sua vivência cotidiana, é, simplificar bastante a dinâmica da nossa História. Mesmo sob o cativeiro, os escravos criaram relações sociais específicas como amizade, solidariedade e amor. São inúmeros os casos de processos contra os senhores de escravos devido aos maus tratos apontados por novos estudos da História Social. Demonstram que, a resistência esteve presente enquanto o escravismo perdurou. Seja através da fuga, da formação dos quilombos, ou mesmo através das ações do dia a dia. Não considerar esses aspectos da história do negro, é condená-lo a se tornar um ser incapaz de conduzir o seu próprio caminho.

A utilização de uma formulação historiográfica típica dos anos 1970, nos livros de história dos 1990, revela a lacuna existente entre o que se produz na universidade e o que se ensina nas escolas.

3-Imagens da escravidão e a construção de representações do ser negro no Brasil

A utilização de imagens como importante recurso pedagógico é inquestionável.

¹³ Grifo meu

¹⁴ FERREIRA, José Roberto Martins. *História*. Vol. 2. São Paulo: FTD, 1991

As crianças têm necessidade de ver as cenas históricas para compreender a história. É por essa razão que os livros de história que vos apresento estão repletos de imagens.¹⁵

Para Ernest Lavisse, historiador francês do século XIX e autor de livros didáticos, “ver as cenas”, possibilita uma melhor compreensão dos conteúdos escritos além de facilitar a memorização dos fatos.

Observamos que, ultimamente, o mercado editorial privilegiou o uso de imagens como ilustração do texto, visando uma melhor apreensão da realidade visto que elas estão presentes em variadas dimensões da vida moderna, tais como os meios de comunicação de massa. A grande quantidade de imagens, reproduzidas especialmente nos livros do ensino fundamental, pode ser justificada pela grande demanda da cultura visual contemporânea. Entretanto, essas imagens têm o caráter meramente ilustrativo, pois a tradição historiográfica privilegia os textos escritos em detrimento dos ricos registros iconográficos que tanto enriquecem o conhecimento histórico.

Nos capítulos referentes à escravidão africana, as imagens cumprem simplesmente o objetivo de reforçar o texto, acompanhando assim a visão historiográfica do autor.

As imagens impressas nos livros, reproduzem apenas cenas dramáticas: castigos corporais, fugas e torturas ilustrando por exemplo um capítulo dedicado à escravidão do livro de Ferreira Martins¹⁶ para a sexta série cujo título é: *Escravidão, o sofrimento que produz riqueza*. As gravuras neste capítulo, de Debret e Agostini, retratam o mercado de escravos, trabalho, além de castigos e fugas.

As denúncias podem ser interessantes, mas relegam ao escravo o papel de agente absolutamente passivo. Sem movimento próprio, sem nenhuma possibilidade de

¹⁵ LAVISSE, apud BITTENCOURT, 1997, p.75)

¹⁶ FERREIRA, José Roberto Martins. *História*. Vol. 2. São Paulo: FTD, 1991

autonomia, ele se transformaria num ser desprovido de qualquer ação humana. Adhemar Marques¹⁷ no livro *Os Caminhos do Homem* também transmite essa idéia: “Não havia possibilidade de o escravo deixar sua condição. Era escravo, do nascimento à morte. Somente em ocasiões especialíssimas ele conseguia sua libertação(alforria).”¹⁸. Ilustrando este texto, temos duas gravuras de Debret: o *Capitão do Mato*, indicando a impossibilidade de fuga do cativeiro e *Negro no tronco*, fazendo uma referência ao castigo exemplar para aquele que se rebelasse. As duas imagens representam métodos eficazes de manutenção da condição escrava aplicados pelos senhores e deixam transparecer a vulnerabilidade do negro cativo.

As figuras selecionadas pelos editores/autores são em sua maioria de autoria de Johann Moritz Rugendas e Jean-Baptiste Debret, artistas do século XIX, que retrataram o cotidiano da sociedade colonial. As imagens nos livros didáticos, reproduzem o negro no açoite, no trabalho pesado ou no mercado, à venda. Desses artistas, as obras que traduzem festas ou qualquer tipo de autonomia, estão descartadas.

Considerando a importância das imagens no mundo contemporâneo, propomos uma reflexão acerca do impacto do texto imagético da escravidão sobre o aluno da rede pública, sua identificação com as imagens em questão e elaboração de representações sobre o ser negro no Brasil.

Entendemos que, a formação de uma identidade individual ou coletiva depende da influência que os processos sociais exercem sobre o indivíduo. Estes processos fazem parte da realidade histórica e objetiva que é transmitida pela sociedade, quer seja pelo grupo familiar, amigos ou comunidade escolar. Neste sentido, o processo cognitivo de apreensão do conhecimento pode reforçar valores depreciativos que interferem nas

¹⁷ MARQUES, Adhemar Martins; BERUTTI, Flávio Costa & FARIA, Ricardo de Moura. *Os Caminhos do Homem*, Volume 2. Belo Horizonte: Editora Lê, 1991.

¹⁸ ibidem

formulações de representações culturais do indivíduos. As identidades, são construídas a todo momento, e transformadas de acordo com as vivências do sujeito. Resgatar aspectos positivos de suas origens é um elemento bastante revelador à medida que o situa como agente transformador no contexto social em que vive. Entretanto, quando os aspectos negativos são ressaltados e constituídos como verdades cristalizadas, o indivíduo ou grupo, além de ser inferiorizado na sua auto-estima, se vê excluído do processo social.

O retrato do passado, estampado nos livros didáticos, não escapam ao olhar atencioso dos nossos alunos da escola pública. Sua identificação com o passado, a partir das cenas dos artistas-viajantes, pode ter um significado negativo na medida que revela apenas uma face depreciativa da cultura africana.

De acordo com Hall,

As identidades parecem invocar uma origem que residiria em um passado histórico com a qual elas continuariam a manter uma certa correspondência. Elas têm a ver entretanto, com a questão da utilização de recursos da história, da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que nós somos, mas daquilo no qual nos tornamos. Tem a ver não tanto com as questões “quem somos nós” ou “de onde nós viemos”, mas muito mais com as questões “quem nós podemos nos tornar”, “como nós temos sido representados” e “como essa representação afeta a forma como nós podemos representar a nós próprios”.¹⁹

Por isso, estaremos investigando nesta pesquisa: Em que medida utilização de recursos visuais, neste caso as imagens da escravidão, pode contribuir para a produção do auto-preconceito e de uma imagem negativa em relação ao que o aluno pode se transformar? A representação elaborada sobre o papel do negro na sociedade brasileira

¹⁹ HALL, Stuart. Quem precisa de Identidade in *Identidade e diferença*, SILVA, Tomaz Tadeu (org), Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

desde os tempos da escravidão até os dias de hoje afeta a representação que o adolescente constrói de si mesmo?